



**XVII Jornadas Internacionais
Grandes Problemáticas do
Espaço Europeu**

**25 a 28 de maio de 2023
FLUP**

LIVRO DE RESUMOS / BOOK OF ABSTRACTS

Título: *XVII Jornadas Internacionais sobre Grandes Problemáticas do Espaço Europeu. Livro de Resumos das Jornadas*

Coordenadora Editorial: Helena Pina

Composição: Helena Pina, Ana Isabel Boura, André Samora-Arvela, António Barros Cardoso, Conceição Ramos, Diogo M. Pinto, Fantina Tedim, Felisbela Martins, Jorge Ribeiro, José Luís Braga, Leandro Dias Oliveira, Lúvia Madureira, Maria José Roxo, Marta Nestor, Paula Remoaldo.

Primeira Edição: Maio de 2023

ISBN: 978-989-9082-71-7

Edição: Faculdade de Letras da Universidade do Porto

against human ego-centric greed and notions of superiority by incorporating a spiritual dimension involving homo-ecocentric environmental ethics that postulate flattened reciprocal relationships between beings in the place of human supremacy and exploitation.

Palavras-Chave: relational socio-ecology, animism & conservation, Brazilian wilds

A Oliveira no Espaço Duriense: Uma Cultura com Tradição a Ser (Re)Valorizada

Helena PINA

CEGOT, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

Diogo PINTO

CEGOT, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

André SAMORA-ARVELA

CEGOT, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

Felisbela MARTINS

CEGOT, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

Célia FIGUEIRAS

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

Espaço privilegiado, a Região Demarcada do Douro (RDD), patrimonializada pela UNESCO em 2001, ostenta um património diversificado e ímpar, apesar dos obstáculos ao seu desenvolvimento. Para os mitigar, esta paisagem passou a ser encarada numa perspetiva multifuncional, holística, conjugando-se a produção dos vinhos do Douro, com particular destaque para o Vinho do Porto, com a sua comercialização e com o turismo, sem ignorar culturas secundárias, mas impressionantes, como o olival. Ainda assim, alastra o abandono das explorações agrícolas, sobretudo nos espaços menos privilegiados em termos vitícolas, assim como o despovoamento, indissociável, por sua vez, do envelhecimento estrutural da população remanescente dos fluxos migratórios direcionados para as áreas metropolitanas do litoral, ou para o estrangeiro.

Este quadro preocupante ainda se degrada quando ultrapassamos os limites da RDD. Aí, sobretudo nos espaços de transição entre a RDD e o planalto envolvente, protegidos do clima mais agreste, sobressaem já os olivais, num prolongamento dos existentes no espaço vitícola, sobremaneira no Douro Superior. Implantam-se entre 450 e 700 metros de altitude, mas, apesar da melhoria das acessibilidades, também se avolumam os abandonos. É neste enquadramento que, tendo por base uma ampla pesquisa documental e um profícuo trabalho de campo que incluiu a concretização de entrevistas semiestruturadas a entidades responsáveis pelo desenvolvimento local e setorial, para além de associações e olivicultores, que analisamos a evolução e o impacto do olival duriense, prolongando este estudo para os espaços envolventes, dadas as assimetrias existentes.

Na realidade, se no Baixo Corgo, a sub-região vitícola mais ocidental da RDD, apesar de a oliveira ser uma cultura tradicional pois era imprescindível na alimentação, mas também na iluminação, nos rituais religiosos, em usos medicinais e na cosmética, ou ainda como lubrificante doméstico, sempre permaneceu como uma cultura secundária, delimitando apenas os pequenos vinhedos familiares. Em oposição, no Douro Superior, a sub-região mais oriental da RDD, aí a oliveira rivaliza com a amendoeira e a vinha. Por seu lado, quando extravasamos os limites da RDD e nos posicionamos na transição para as terras frias, o olival impõe-se inquestionavelmente na paisagem.

Neste contexto, embora persista o olival centenário, multiplicam-se os projetos subsidiados pela EU que possibilitam a renovação dos antigos, de baixa produtividade, mas proporcionando excelentes azeites e troncos de oliveira que correspondem a autênticas esculturas, um património a preservar e valorizar. Os olivais renovados, por seu lado, permitem uma ampla mecanização. Em simultâneo, despontam inovações, sustentadas ou não pelo cooperativismo, ou por associações recentes que congregam olivicultores de menos de 2 hectares e que apostam não só na inovação, mas também na preservação ambiental, na reciclagem e na rentabilização dos desperdícios. Obviamente, também surgem projetos de capital privado.

Em suma, não é somente a vinha que sustenta projetos inovadores na RDD, já que a oliveira também o permite, como sucede com os subprodutos da azeitona como os caroços e outros resíduos sólidos, que, reaproveitados, possibilitam a produção de bioenergia e de “briquetes” para utilização em lareiras, ou o surgimento de produtos compostos que se impõem no mercado. Lentamente, prepara-se um novo futuro para a RDD e espaços envolventes, onde a tradição e a inovação se conjugam, mas num quadro sustentável e ecológico. Valoriza-se também a complementaridade entre estes dois espaços.

Palavras-Chave: olival duriense, desenvolvimento rural, inovação, cooperativismo

Crises de Crescimento da Cultura Europeia - do Século XV ao Nosso Tempo

António Barros CARDOSO

APHVIN/GEHVID, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

A Europa de hoje foi, em grande parte, moldada pela sua cultura, usando o termo no seu sentido mais amplo. Os movimentos culturais que ajudaram a dar forma ao carácter de se ser europeu foram, quase sempre, originados por momentos críticos, que, muito embora provocando sofrimentos, ruturas e desencontros, foram igualmente responsáveis pelo seu avanço no sentido do progresso. Já no plano económico, como no plano da comunicação, foram-se criando condições que favoreceram o multiculturalismo. Cedo se percebeu que a maior produção de riqueza assentava num setor que, sendo primário, era um pilar fundamental da organização económica, a agricultura. Os excedentes, lançaram os mercadores nas estradas e, ao mesmo tempo, alguns caravaneiros e ambulantes, pouco a pouco, foram optando pela sedentarização. Surgiram então novas cidades que começaram a pontuar no espaço europeu e, as mais antigas, renasceram e cresceram de importância. Tomou forma a primeira “Europa das Regiões”.

Já na transição do século XV para o Século XVI, ou seja, no “outono da Idade Média”, a Europa conheceu uma importante “crise” cultural, resultante da descoberta da imprensa. De facto, as mudanças na leitura que o novo mecanismo impôs na sequência da transição da cultura da comunicação oral, imperativa durante toda a Idade Média, para uma cultura da comunicação silenciosa, resultante de uma maior interação entre o leitor e o texto, fez mudar quase tudo. Por outras palavras, antes da descoberta da imprensa, o livro era um produto caro e, por isso, raro, mas, depois de descoberto o mecanismo de Gutenberg, o livro multiplicou-se a um ritmo alucinante quando comparado com a lentidão do labor copista dos monges medievos que, nos seus “scriptoriuns”, demoravam uma eternidade a copiar um livro a partir do exemplar de referência.

De facto, independentemente dos danos colaterais, a Europa procurou sempre um melhor rumo, fundamentado na singularidade dos países que a constituem, a “Europa das Nações” ou das uniões que conseguiu urdir entre os vários países que a compõem, alicerçada nos valores do humanismo, tendo em vista a construção do império político do “bom governo”.

Nesta abordagem, procuramos marcar na linha do tempo algumas “crises” que a Europa foi atravessando e cujos benefícios e danos serviram a construção da nossa “casa comum”. Para tanto, revisitamos autores e as ideias que produziram, que, afinal, em muito acabaram por ajudar a construir a Europa que hoje somos.

Palavras-Chave: cultura europeia, movimentos culturais, Europa

A Região Duriense no Conto A Vindima, de Miguel Torga

Ana Isabel Gouveia BOURA

CITCEM, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

Tantas são as ciências que estudam o meio. Rigorosas na definição do corpus, seguras, na fundamentação metodológica, precisas, no repertório terminológico, pertinentes, na abordagem analítica e interpretativa, arrojadas, nas hipóteses formuladas, produtivas, nos resultados atingidos – acomodam-se em áreas de designação ovacionada: ciências naturais, ciências exatas, ciências sociais, ciências humanas.

Tão amplo e denso rol de deslumbrantes categorias faz parecer que o meio apenas se franqueia às ciências que o dissecam a bisturi de distanciada observação, em frio laboratório, só aquecido por recolhas de material em trabalho de campo.

Esquece-se o facto mais elementar: que o meio não se apreende somente através de cristalina lupa e com mão a segurar instrumento de objetiva perscrutação. Descura-se que o espaço natural ou cultivado, esquadrinhado por matemáticos, perfurado por físicos ou químicos, esquematizado por zoólogos e botânicos, desvelado por geógrafos ou agrónomos, questionado por filósofos, sociólogos ou linguistas constitui um universo de genuinidade experiencial: moldura e tela, palco e cena daquele que o percebe, o percorre, o incorpora e o modela.